

ACELERAÇÃO, INFORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE: A DIMENSÃO PRODUTIVA DAS FAKE NEWS NA CONTEMPORANEIDADE

ACCELERATION, INFORMATION AND SUBJECTIVITY:
THE PRODUCTIVE DIMENSION OF FAKE NEWS IN CONTEMPORANEITY

Oneide Perius¹
Carlos Mendes Rosa²

RESUMO

O presente artigo pretende compreender o fenômeno contemporâneo da proliferação de *fake news* não apenas como uma deturpação da verdade ou uma vontade de enganar. Ao invés disso, pretende situar o fenômeno como parte de uma dinâmica social onde assume uma determinada função produtiva. Isto é, em um contexto de aceleração social acompanhado de um conjunto de novos processos de subjetivação, a desinformação cumpre determinada função, tanto para a manutenção de uma estrutura psíquica fragilizada, bem como na ocultação de qualquer realidade enquanto alteridade, isto é, resistente aos construtos mentais narcísicos dos sujeitos.

Palavras-chave: *Fake News; Aceleração; Informação; Subjetividade; Contemporaneidade.*

ABSTRACT

This article aims to understand the contemporary phenomenon of the proliferation of fake news, not only as a distortion of the truth or a desire to deceive. Instead, it aims to situate the phenomenon as part of a social dynamic in which it assumes a certain productive function. That is, in a context of social acceleration accompanied by a set of new processes of subjectivation, disinformation fulfills a certain function, both in maintaining a weakened psychic structure and in concealing any reality as otherness, that is, resistant to the narcissistic mental constructs of the subjects.

Keywords: *Fake News; Acceleration; Information; Subjectivity; Contemporaneity.*

¹ Doutor em Filosofia. Professor de Filosofia Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: oneideperius@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0298-9727>

² Psicanalista. Doutor em Psicologia. Professor Adjunto do curso de Psicologia da UFT. Professor do Programa de Pós-Graduação em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos da UFT/ESMAT. Email: carlosmendes@uft.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2136-9523>

INTRODUÇÃO

Nosso estudo pretende discutir, no âmbito do cenário contemporâneo, dois argumentos que, esperamos, possam nos ajudar a lançar luz sobre o fenômeno recente da proliferação das *fake news* e da desinformação. Nas ciências humanas, de maneira geral, inclusive, fala-se em pós-verdade. Ou seja, parece que esse cenário atual coloca em questão um dos valores basilares da filosofia, qual seja, o seu compromisso com a verdade. Mas será que voltar a afirmar a importância da verdade e da informação verdadeira ainda é uma forma eficiente de compreender e lidar com as *fake news*? Poderiam as *fake news* - e pretendemos testar essa hipótese neste estudo - desempenhar uma função produtiva no interior das sociedades atuais? Isto é, será que essa massiva lógica da desinformação não cumpre um papel fundamental no processo de justificação e manutenção de uma determinada estrutura da realidade?

Tendo em vista tal problema, pretendemos testar essa hipótese de fundo, qual seja, a função social da desinformação e das *fake news*. E pretendemos fazer isso a partir do seguinte percurso. Em primeiro lugar, acompanhar os efeitos da aceleração nas sociedades modernas e contemporâneas e seus impactos na formação das subjetividades em nosso tempo. Em seguida, pretendemos abordar o fenômeno das *fake news* de forma dialética, isto é, situando-o na estrutura social e identificando sua função e condições de possibilidade no interior dessa nova realidade.

A ACELERAÇÃO DA VIDA

A primeira parte deste estudo pretende se deter sobre o panorama de modificações que tiveram lugar nas sociedades desde meados do século XX. Essas mudanças, por óbvio, já vinham sendo amplamente percebidas antes mesmo deste período, no entanto, seu processo de efetivação se tornou mais visível e perceptível recentemente. De alguma maneira, por assim dizer, vivemos no espectro de uma aceleração social iniciada na modernidade e que vai ganhando força e intensidade enquanto exigência interna de sua própria dinâmica e ritmo.

Podemos dizer que uma das características mais marcantes do nosso tempo é a aceleração. Tudo está em rápido processo de mudança, a ponto de nos sentirmos impotentes quanto à possibilidade de uma real compreensão dos fenômenos constitutivos da vida cotidiana. Ferramentas, tecnologias e informações avançam em um ritmo absurdamente acelerado, dando-nos sempre a impressão de que falta algo para poder compreender o que está acontecendo. Inclusive, esperamos mostrar como se tornou praticamente impossível uma reflexão mais profunda e cuidadosa acerca de qualquer temática.

O sociólogo Hartmut Rosa - talvez um dos maiores estudiosos do fenômeno da aceleração - ensaiou em seu texto *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade* a seguinte definição de modernidade:

Sociedades modernas são distinguíveis pelo fato de só poderem estabilizar e reproduzir seus domínios e sua estrutura dinamicamente; elas ganham estabilidade, por assim dizer, *no e pelo movimento*. Portanto, gostaria de propor aqui a seguinte definição: *uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta*

ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura. (ROSA, 2019, p. XI)

Portanto, se numa era pré-moderna a estrutura social permanecia relativamente idêntica ao longo do tempo, com o advento da modernidade, vemos rápidas transformações sociais à medida em que o tempo avança. A estabilidade das formações sociais, portanto, dá lugar a um princípio dinâmico de constituição das sociedades a partir da liberdade da ação humana. O peso da tradição, que mantinha o mundo relativamente idêntico a si mesmo ao longo de grandes períodos de tempo, vai dando lugar aos princípios da liberdade da ação humana, e da autodeterminação dos indivíduos, dos sujeitos, que se veem diante da tarefa de construir uma nova formação social. Em vista disso, na modernidade, a estabilidade das formações sociais é substituída pela dinamicidade da ação humana no tempo. A experiência socialmente compartilhada pelos sujeitos não é mais o solo absoluto que tudo legitima. Agora, neste contexto, as expectativas de futuro - portanto, a permanente inovação - são bem mais concretas enquanto fontes de legitimação.

Reinhart Koselleck, em um significativo estudo intitulado *Vergangene Zukunft: Zur Semantik geschichtlicher Zeiten* (Futuro Passado: para uma semântica dos tempos históricos), nos apresenta duas categorias que nos auxiliam na compreensão destes tempos modernos: espaço de experiência (*Erfahrungsräum*) e horizonte de expectativa (*Erwartungshorizont*). A hipótese geral de Koselleck é de que a modernidade (*Neuzeit*) inicia ou, de maneira mais exata, pode ser compreendida enquanto tal, na medida em que há um progressivo distanciamento entre horizonte de expectativa e o espaço de experiência. Em suas palavras:

Minha tese é que, na modernidade, a diferença entre experiência e expectativa aumenta cada vez mais. Mais precisamente, que a modernidade só pode ser compreendida como um novo tempo a partir do momento em que as expectativas se distanciam progressivamente de todas as experiências feitas até então. (KOSELLECK, 1995, p. 359)

Desse modo, podemos compreender a modernidade, os novos tempos, como uma época radicalmente orientada para o futuro. E não é difícil perceber como essa narrativa impacta absolutamente a mentalidade de nossa época. Pode-se aqui pensar num exemplo significativo para ilustrar essa situação. A palavra inovação, por si só, é sempre associada com algo positivo. O que é, minimamente, curioso, pois não há nenhuma garantia de que algo novo seja melhor do que aquilo que lhe precedeu. Há uma crença enraizada em nós de que estamos caminhando sempre rumo ao progresso, em direção a algo melhor do que aquilo que deixamos para trás. Ou seja, seria algo como uma certeza implicitamente aceita de que o caminho para o novo é o caminho para algo melhor. Na lembrança dos escritos de Walter Benjamin, poderíamos falar em uma espécie de “metafísica do progresso”.

Exemplo emblemático desse culto à inovação pode ser encontrado na crença (quase generalizada) de que o avanço das tecnologias digitais sempre traz benefícios. Fato que a ciência já provou ser, no mínimo, ambíguo. Haja vista que a atual subjetividade hiper conectada padece de diversos problemas físicos e cognitivos associados diretamente ao uso de telas. Podemos citar a diminuição na qualidade do sono da maior parte da população, consequência da utilização de telas antes de dormir. Ou mesmo

a diminuição radical da capacidade atencional decorrente da exposição continuada a vídeos curtos nas redes sociais. É tanto que a expressão “brain rot”, que pode ser traduzida como “podridão cerebral”, foi considerada a palavra do ano de 2024 pelo Dicionário Oxford.

Outro exemplo, que poderá ajudar a compreender como essa sociedade acelerada e voltada para o futuro molda nossa subjetividade no mundo contemporâneo é o espanto com que os fenômenos claramente regressivos e retrógrados são vistos em nossos dias. Em outras palavras, é muito comum observarmos a manifestação de uma espécie de senso comum que se recusa a acreditar que os horrores do passado possam se repetir no presente, simplesmente pelo fato de que há uma crença numa linha evolutiva linear. Walter Benjamin, em sua época, referindo-se à emergência do nazismo - já alertava contra os efeitos paralisantes de tal concepção: “Admirar-se de que tais acontecimentos ainda sejam possíveis no século XX não é filosofia e não representa nenhum conhecimento, a não ser este, que a concepção de história que sustenta tal admiração é insuficiente.” (Benjamin, 1991, p. 697).

Dessa maneira, é preciso ser capaz de perceber a ancoragem dos fenômenos observados em nosso tempo em uma racionalidade objetiva que estrutura a realidade da qual esses fenômenos são expressão. Em outras palavras, o olhar para o novo e para o futuro não pode nos fazer desviar da árdua tarefa de compreender nosso tempo.

Por este motivo está muito claro que o processo de aceleração discutido pelos filósofos e sociólogos em meados do século XX ainda está longe da dinâmica extremamente veloz deste começo do conturbado século XXI. O progressivo avanço tecnológico, colocou na palma de nossa mão o acesso a um mundo de informações com as quais dificilmente somos capazes de lidar; o consumo voraz e a lógica da obsolescência de produtos que nos impõem uma exigência de acompanhar sempre o que há de mais atual e avançado; por fim, uma dinâmica econômica em que todos os dias representam a possibilidade de sucesso ou fracasso fazendo o mundo dos negócios se medir com a lógica de um mercado de ações que flutua e se modifica diariamente. Vivendo nesta realidade acelerada, não há como não sermos por ela impactados.

No entanto, vejamos as coisas com mais detalhe. Hartmut Rosa, que já citamos anteriormente, se refere a três aspectos da aceleração que percebemos na realidade atual. Pretende, assim, desenhar um quadro analítico que nos torne capazes de compreender o fenômeno de uma forma mais exata. A primeira forma é a aceleração tecnológica. Em suas palavras, “É o aumento intencional de velocidade dos processos de transporte, comunicação e produção *orientados por metas*. Forma que podemos definir como *aceleração tecnológica*.” (Rosa, 2022, p. 20). Isto é, objetivamente a tecnologia acelera os processos de comunicação e de transporte. Encurtamos o tempo e o espaço com os avanços da tecnologia. A segunda forma de aceleração social, de acordo com o sociólogo, é a aceleração das mudanças sociais. Neste sentido, escreve que estas mudanças “tornam instáveis e efêmeras as estruturas e constelações sociais, bem como modelos de ação e de orientação na sociedade.” (Rosa, 2022, p. 22). Já nos referímos anteriormente, de forma breve, sobre essa dinâmica. A estabilidade das sociedades pré-modernas é progressivamente abandonada e substituída por uma realidade social em constante transformação. Valores éticos, formas de vida, trabalho, e tantos outros aspectos são profundamente modificados. A terceira forma refere-se à mudança na aceleração do ritmo de vida. Quanto a isso, o autor é assertivo: “os atores sociais cada vez mais sentem que estão com falta de tempo, que o tempo está acabando para

eles. Aparentemente, é como se o tempo fosse percebido como uma matéria-prima que é consumida como petróleo e que está, portanto, tornando-se cada dia mais escassa e valiosa.” (Rosa, 2022, p. 27).

Nesse sentido, nos cabe interpor uma pequena crítica feita pela psicanálise na pena de Maria Rita Kehl. Em seu livro *O tempo e cão - a atualidade das depressões*, a autora reflete acerca da aceleração dos processos vivenciais e seus impactos na subjetividade contemporânea. Parte da premissa de que o tempo, diferente do que prega a ideologia do “*Time is Money*”, é o tecido da nossa existência (Kehl, 2009). E não existe a menor possibilidade de transformar o tecido de uma existência num produto comercial. Pelo menos, não se pode fazer isso sem graves consequências ao psiquismo. Kehl (2009) defende que os processos de aceleração da vida têm como consequência última a profusão de diagnósticos de depressão na atualidade. Doença essa que segundo a OMS será a mais incapacitante do mundo em poucos anos (OMS, 2023).

A vivência contemporânea da temporalidade dominada pelo ideal da produtividade impele os sujeitos a aproveitarem ao máximo cada instante para produzir e progredir (Kehl, 2009). Essa intensificação utilitária retira do humano a necessária latência para elaboração de questões subjetivas. Correndo cada vez mais em direção a lugar nenhum, nos vemos cansados, dopados e indiferentes a todo o restante a nossa volta. A solução possível é pedir um tempo, parar mesmo. Então as pessoas param de trabalhar, de comer, de tomar banho, de fazer sexo... Todo um conjunto de recusas que são descritas pelos manuais diagnósticos da psiquiatria como um transtorno depressivo.

De outro lado temos correntes filosóficas e políticas que desejam uma maior aceleração dos processos. Independente do custo que isso pode gerar em termos de sofrimento e problemas sociais. Estamos falando das teorias “aceleracionistas” que ganham cada vez mais espaço nos debates midiáticos e nas doutrinas empresariais; chegando a serem base para programas governamentais de potências mundiais. Esses fundamentos conquistam cada vez mais adeptos nos discursos de direita por sua faceta inovadora e pelas promessas fáceis de um futuro melhor. Mark Fisher (2017) nos dirá que a esquerda dos anos 2000 se reduziu a defender, sem competência, relíquias na forma de compromissos antigos (a socialdemocracia, o *New Deal*) ou a extrair um gozo morno e sem graça de seu próprio fracasso em superar o capitalismo.

Essa postura nostálgica e melancólica faz com que estejamos sempre querendo um retorno a um suposto passado glorioso, ou a simples defesa e manutenção de direitos conquistados e constantemente ameaçados. Algo que não contagia nem empolga as coletividades e leva, invariavelmente, a maioria da população para o campo da direita e da extrema direita. Como resposta a essa obsolescência política, sua proposta radical é nos apropriarmos das ferramentas tecnológicas para gerar alguma espécie de justiça distributiva, igualdade e aumento do prazer para as pessoas, bem como para acelerar o fim do capitalismo (Fisher, 2017). Segundo Benjamin Noys, o próprio inventor do termo aceleracionismo, o que os primeiros aceleracionistas afirmam é “o poder capitalista de dissolução e fragmentação, que sempre deve ser levado um passo adiante para quebrar os grilhões do próprio capital” (Noys, 2010, p. 5).

Dito de outra forma, esses autores defendem que na medida em que o desenvolvimento do capitalismo intensifica suas próprias contradições, acelerar o seu colapso empurrando o processo para frente é uma maneira eficiente de apressar a revolução. No entanto, existem alguns problemas graves da perspectiva aceleracionista de esquerda. O problema central dessa corrente pode ser

definido com a posição centrista ou eurocentrista do sistema capitalista que leva, necessariamente, a uma falta de reconhecimento das diferentes dinâmicas geográficas dos diversos sistemas e subsistemas globais. Além da falsa presunção, por parte dos ideólogos, de que as tecnologias podem ser facilmente redirecionadas e subvertidas para fins benéficos, como se os recursos tecnológicos fossem neutros (apenas instrumentos manuseados) e não manifestações dos interesses daqueles que as criaram (Santaella e Marques, 2021).

Outra questão que nos parece importante mencionar é que acelerar um sistema econômico devorador de recursos num mundo tão escasso como o nosso pode ser fatal para o planeta. Até porque, a premissa básica do aceleracionismo *não floresceu inicialmente na vertente progressista da política. Foi Nick Land (2011) quem primeiro deu corpo teórico a esse conceito no início dos anos noventa com o pressuposto de que os seres humanos seriam apenas peças dentro da imensa e poderosa engrenagem do capitalismo*. Mais do que isso, em grande medida seriam um obstáculo ao fim último do capitalismo de adquirir gestão própria a partir da aceleração descontrolada do sistema financeiro e do desenvolvimento da, então, recém descoberta Inteligência Artificial. É importante mencionar que esse autor se tornou uma fonte importante de inspiração para figuras como Elon Musk, Donald Trump, Bolsonaro e líderes de alguns movimentos como Singularitarianismo, Transumanismo Tecnocientífico e Pós Humanismo. Movimentos que, apesar de suas diferenças internas, têm na superioridade da tecnologia sobre a biologia humana sua raiz comum.

Notamos ainda que nos encontramos diante da formação de um novo modelo de subjetivação que estamos chamando aqui de “subjetividade perfilizada”, construída a partir das relações humanas mediadas pela tecnologia. Trata-se da construção de perfis nas redes sociais como forma principal de interação social e do uso indiscriminado dos recursos digitais como filtros de imagem, aplicativos diversos, vídeos curtos e a própria inteligência artificial. Tudo isso condiciona os sujeitos a possuírem um foco atencional cada vez menor e leva a diminuição da capacidade de raciocínio.

Essa mudança atitudinal nos parece uma estratégia dupla do neoliberalismo para poder oferecer mais produtos, serviços e formas de entretenimento num menor espaço temporal. Ao mesmo tempo em que diminui a possibilidade de uma leitura mais crítica da realidade por parte dos sujeitos/usuários. Uma vez que a maioria das pessoas não consegue (ou não tem paciência para) se deter na leitura de um texto científico ou crítico aprofundado, não demonstra interesse sequer pelos próprios textos religiosos, se contentando com a versão resumida e enviesada oferecida pela liderança religiosa que cada um segue, tampouco apresenta a necessária disponibilidade para conhecer a fundo a personalidade do outro, preferindo relações líquidas, superficiais e marcadas pela indiferença e, em última análise, prefere ignorar a verdadeira natureza violenta e perigosa de alguns discursos políticos das lideranças que escolheram.

Os filósofos sempre souberam da dificuldade que significa alcançar a compreensão de seu próprio tempo sem o devido distanciamento histórico. E hoje, cada vez mais, esse distanciamento parece nos faltar. Muitas foram as tentativas, ao longo da história, de fugir deste tempo acelerado para conseguir uma perspectiva mais sólida do que está acontecendo. Um excelente exemplo disso é descrito por Gadamer em seu comentário sobre a filosofia hegeliana. Vejamos o trecho onde o filósofo detalha este ponto:

Este mundo suprassensível deve ser o mundo verdadeiro. É o que permanece no que desaparece, uma expressão que ocorre com muita frequência em Hegel. É justamente esta expressão que voltaremos a encontrar quando queremos entender mundo invertido. Pois para dar a ideia da meta para a qual se aponta, teremos o seguinte resultado: o que permanece é precisamente o que é real aí onde todas as coisas estão continuamente desaparecendo. O mundo real consiste precisamente em subsistir sendo constantemente outro. A constância, portanto, já não é mais o mero oposto à desaparição, mas é, em si, a verdade daquilo que desaparece. (GADAMER, 1994, p. 56,57)

Trata-se da tese do mundo invertido, ou seja, para fugir da realidade que é puro fluxo e movimento a filosofia inverte o mundo, isto é, apenas o eterno e imutável - as ideias, as formas, os fundamentos - teriam realidade. A filosofia hegeliana, aliás, deve-se fazer justiça, pretenderá inverter essa inversão. Pretenderá mostrar que um pensamento que não aceita o desafio de que a realidade é movimento e mudança, acabará por paralisar a si mesmo.

A tradição filosófica, para dizê-lo de outra maneira, sempre foi um tanto quanto avessa à velocidade. Os filósofos que se consideram minimamente dignos deste nome não hesitariam em afirmar que a filosofia não pode perder o rigor de uma meditação longa e cuidadosa sobre as coisas. E que esta é a melhor maneira de compreendê-las. A filosofia não é, portanto, partidária da urgência de um diagnóstico. O ponto de partida, pois, parece ser a necessidade de não se enredar de forma acrítica nesse turbilhão de mudanças sem um esforço de compreender o seu sentido. Para não se perder no anacronismo da condição da filosofia no mundo contemporâneo, seria preciso, destarte, colocar a dinâmica da realidade atual e os novos fenômenos que lhe são inerentes em perspectiva histórica.

Portanto, ao invés de aderir a um derrotismo da razão diante de uma realidade que constantemente parece nos escapar, pretendemos ensaiar uma conceitualização, ainda que mínima e provisória, de seus rumos e dinâmicas. A seguir, para discutir centralmente a questão aqui proposta, gostaríamos de analisar o fenômeno das *fake news* em um mundo que não quer e não pode olhar para a realidade.

NEGAR PARA PODER CONTINUAR

A psicanálise nos mostra bem que a dinâmica da negação, ante uma crise e uma catástrofe iminente, desempenha uma função vital para que a estrutura da realidade nas sociedades do capitalismo tardio continue funcionando da mesma forma. Desde Freud, a negação sempre teve estatuto fundamental na manutenção da economia psíquica dos sujeitos. Inscrita no rol dos mecanismos de defesa, tais como o recalque, a formação reativa e o isolamento, entre outros, a negação consiste em afirmar o oposto do que se tem notícias desde o inconsciente. O célebre exemplo dado pelo inventor da psicanálise ilustra bem esse funcionamento. Certa vez Freud (1987) atendia um paciente o qual lhe contava sobre uma mulher que aparecera em seus sonhos. Ao final do relato o paciente olha diretamente para Freud e lhe adverte: - E não venha me dizer que essa mulher do meu sonho é minha mãe. Porque não é!

Nesse ponto do relato o médico de Viena nos confidencia animado em seu texto que estava resolvido o problema da identidade daquela mulher misteriosa que habitava os sonhos do paciente. Dizemos que a negação “afirma o oposto” pois o inconsciente não possui representação do negativo. Se pedirmos ao leitor

para NÃO PENSAR em uma Brasília Amarela nesse momento, a reação natural será visualizar esse carro nitidamente em sua mente. Alguns mais antigos até verão os *Mamonas Assassinas* cantando a famosa música “Pelados em Santos” em seu carro. Isso mostra que a negação é necessariamente um forçamento contra a tendência da representação inconsciente de vir à tona. Assim, podemos dizer que negar é um ato ativo que exige uma determinada quantidade de energia e esforço por parte daquele que nega.

No entanto, a simples negação neurótica do sujeito que tem alguma pista acerca daquilo que está negando está sendo substituída em nosso tempo por uma forma mais insidiosa e perigosa de defesa. Trata-se, nas palavras de Charles Melman, de uma nova economia psíquica não mais fundada no recalque, mas organizada pela promoção, estimulação e exibição do gozo (Melman, 2008). Gozo aqui entendido pelo autor como a repetição incessante e compulsória de algo que lhe escraviza e lhe causa mal estar. Estamos agora no plano de uma subjetividade que se crê liberta de toda e qualquer dúvida com as gerações anteriores que a precederam. Cujo mote é o imperativo categórico super-egóico do “Goza”! Dito de outra maneira, o aparelho psíquico do sujeito atual lhe diz continuamente “você precisa ter prazer a qualquer custo”.

Tal configuração psíquica que tem se tornado corrente em nosso meio social, aliada ao discurso capitalista do consumo como possibilidade última de satisfação das demandas, leva a estrutura social (se é que podemos assim nos expressar) mais para o campo da perversão do que da neurose. Daí a sacada primorosa de Melman ao conceituar aquilo que ele chamou de “perversão ordinária”. Trata-se da mudança sutil do mecanismo da negação neurótica pela via do recalque para a denegação perversa. Quando Freud (1923) em seu texto “A organização genital infantil” estabeleceu neurose, psicose e perversão como as três grandes estruturas do aparelho psíquico, o fez a partir das diferentes reações à experiência da castração. Os termos usados por ele para delinear tais posições diante da falta causada pela constatação do sujeito de que era castrado seriam *Verdrängung* (recalque) que leva à neurose, *Verleugnung* (Denegação) que remonta ao funcionamento perverso e *Verwerfung* (Foraclusão) que encaminha o sujeito para a psicose.

Charles Melman (2008) nos dirá que a perversão sempre ocupou lugar marginal entre as estruturas, chegando a ser colocada em questão a sua própria existência. Outrossim, esse conceito é relegado aos casos muito graves de distúrbios de personalidade antissocial ou às compulsões sexuais que não se coadunam com a moral sexual civilizada. Entretanto, existiria uma aplicação mais cotidiana da forma de lidar com a realidade pela via da *Verleugnung*, que aqui optamos por traduzir por denegação. Estamos nos referindo ao uso desse mecanismo de defesa para negar questões urgentes e absolutamente presentes em nosso dia a dia. Seria um mecanismo que permitiria ao sujeito “agir como se tal coisa não existisse”. Por exemplo, apesar de estarmos diante de uma iminente catástrofe climática mundial (chuvas no deserto, seca no Pantanal, alagamentos no Sul do país etc), escolhemos continuar vivendo a nossa existência exatamente da mesma maneira, como se nada disso estivesse acontecendo. Tal escolha preserva a continuidade do nosso modo de gozo, pouco importando a dúvida que temos com nossos antepassados ou o compromisso com as futuras gerações.

Poderíamos dar outros exemplos aqui como a negação diante da pandemia ou a indiferença frente aos conflitos bélicos atuais em Gaza, na Ucrânia e outros países da África. Entretanto, nosso ponto é demonstrar que a adesão a teorias e pressupostos sabidamente errôneos não se inscreve na categoria de

erros cognitivos, muito mais num modo psicopatológico que chamaremos de “perversão ordinária” e ao qual grande parte da sociedade atual adere passivamente na intenção de continuar a repetir suas formas de gozo sem precisar se haver com culpas, responsabilizações e, principalmente, reparações e soluções.

Até este momento estamos, pois, reconstruindo a lógica através da qual a realidade atual se desdobra, pelo menos sob certos aspectos. Pretendemos ter apontado, assim, uma configuração social organizada em torno da ideia de aceleração e do olhar para o futuro. Ao mesmo tempo, foi nossa intenção mostrar como é difícil compreender a nossa própria época sem o devido distanciamento histórico. Queremos, portanto, no que segue, analisar as contradições que permeiam a sociedade atual e mostrar como, por um lado, o ritmo acelerado das mudanças torna difícil a percepção desta realidade contraditória e, por outro lado, como as *Fake News* e a desinformação se inscrevem como elementos produtivos nesta realidade na medida em que, no limite, não podemos nos dar conta das contradições sem propor uma reorientação profunda e radical. A negação da realidade, talvez, não seja apenas engano, mas uma forma cômoda - inconsciente? - de se sentir parte do fluxo.

EM DIREÇÃO À CATÁSTROFE

Anselm Jappe, em seu significativo estudo intitulado *A Sociedade Autofágica: Capitalismo, desmesura e autodestruição*, conduz a argumentação no sentido de apresentar uma série de elementos que serão importantes para os rumos de nossa construção argumentativa neste estudo. Já no título salta aos olhos o núcleo de sua tese de que o sistema capitalista está nos conduzindo a uma situação dramática onde - na maior parte das vezes, completamente impotentes - assistimos a uma deriva autodestrutiva. Em suas palavras:

Desde há algum tempo, predomina a impressão de que a sociedade capitalista está a ser arrastada para uma deriva suicida que ninguém conscientemente deseja, mas para a qual toda a gente contribui. Destruição das estruturas econômicas que asseguram a reprodução dos membros da sociedade, destruição dos elos sociais, destruição da diversidade cultural, das tradições e das línguas, destruição dos fundamentos naturais da vida: aquilo que por toda a parte se constata não é somente o fim de certos modos de vida para entrarmos noutros - “destruições criadoras” de que a história da humanidade estaria repleta -, é antes uma série de catástrofes a todos os níveis e à escala planetária que parecem ameaçar a própria sobrevivência da humanidade, ou, pelo menos, a continuação de grandíssima parte daquilo que deu sentido à “aventura humana”. (Jappe, 2019, p. 13)

Esse sentimento, amplamente difundido, de que uma catástrofe poderá subitamente nos surpreender e destruir as condições de nossa existência, não é algo completamente novo. Tem, inclusive, suas raízes em relatos bíblicos onde a destruição às vezes se faz necessária para que algo completamente novo possa emergir. No entanto, desde o final do século XX, já estamos acostumados a conviver com o temor de uma guerra atômica que nos levaria à autodestruição. Muitos são, também, em nossa época - esse conturbado início do século XXI - os temores. Guerras, crises climáticas, desastres naturais, doenças pandêmicas e tantos outros elementos que causam medos e receios.

Ou seja, estamos diante de uma lógica social extremamente acelerada e com poucos recursos ou quase nenhuma capacidade efetiva de puxar o freio de mão desta máquina que se move depressa demais até para que possamos ter uma clara ideia de como se movimenta. Os rumos, no entanto, estes pelo menos, parecem se deixar compreender de forma bastante clara para aqueles que tiverem a sensibilidade necessária para tal. Cientistas proclamam, em alto e bom som, acerca dos riscos envolvidos em continuar fazendo o que estamos fazendo. Não parece mais ser nenhum segredo que precisa ser ocultado. Há uma espécie, aliás, de transparência que, assim parece, ilumina tanto a ponto de se tornar difícil olhar diretamente para o que está acontecendo.

Desde o início da modernidade, as contradições sobre as quais foram edificados os discursos acerca da emancipação e da autonomia foram amplamente denunciados. Marx, por exemplo, as percebeu com toda clareza que exigia uma exposição detalhada e exaustiva. A lógica da produção, baseada na alienação e exploração dos trabalhadores, no acúmulo e no aumento da desigualdade, é completamente incompatível com a ideia de uma sociedade onde os seres humanos possam ser reconhecidos como sujeitos. O filósofo reflete diretamente sobre isto quando coloca o conceito de alienação no centro de suas reflexões.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). (MARX, 2010, p. 80).

Portanto, estamos imersos em um sistema que aliena, isto é, retira de nós a capacidade de agir de forma consciente perseguindo objetivos definidos por nós próprios. Se a modernidade prometia aos seres humanos a possibilidade de assumir as rédeas de sua própria história, o que vemos nas sociedades do capitalismo tardio é uma completa impotência dos seres humanos em assumir algum tipo de controle. Engajados em disputas particularistas sobre quem sobrevive melhor em um tempo onde a dignidade é reservada para poucos, os seres humanos vão perdendo cada vez mais a capacidade de avaliar as coisas em seu conjunto, de olhar para a lógica da totalidade. A imposição do crescimento econômico, da inovação, desenvolvimento e do lucro, parecem indiscutíveis. Os que eventualmente se opõem a isso, não poderão ser vistos de outra maneira que não a de lunáticos ou românticos. Mais uma vez convidamos Anselm Jappe à fala:

Do ponto de vista da lógica mercantil, as mercadorias são autossuficientes. São elas os verdadeiros atores da vida social. Os homens só entram em cena como servidores de seus próprios produtos. Como as mercadorias não têm pernas, elas consignam aos homens a tarefa de as deslocarem. Do contrário, poderiam absolutamente passar sem eles. (...) O fetichismo da mercadoria não é uma falsa consciência, ou uma simples mistificação, é, isso sim, uma forma de existência social, total, que se situa a montante de qualquer separação entre reprodução material e *psique*, porque ela determina as próprias formas do pensamento e do agir. (JAPPE, 2019, p. 29)

Dessa maneira, desenha-se diante de nós um quadro nada alentador. Uma realidade objetiva que se movimenta a partir da lógica de expansão do capitalismo que, neste momento de celebração do neoliberalismo, elimina ou pelo menos dificulta qualquer possibilidade real de espaço político, isto é, qualquer

instância coletiva de deliberação que venha a ter efeitos reais sobre a dinâmica em questão. Enfraquecidos enquanto sujeitos, tornamo-nos objetos submetidos ao processo de desenvolvimento e acúmulo acelerado do capital. Nesta condição, não temos a possibilidade de exigir o papel de protagonistas.

A categoria de sujeito, portanto, está em crise na realidade contemporânea. Adorno, em sua *Minima Moralia*, faz a seguinte reflexão:

Há, contudo, muito de falso nas considerações que partem do sujeito acerca de como a vida se tornou aparência. Porque na atual fase da evolução histórica, cuja avassaladora objetividade consiste apenas na dissolução do sujeito, sem que dela tenha nascido nenhum novo, a experiência individual apoia-se necessariamente no velho sujeito, historicamente condenado, que ainda é para si, mas já não em si (Adorno, 1980, p. 14).

Ou seja, o velho e condenado sujeito, o sujeito moderno a quem se prometia autonomia e o poder de decidir acerca de seu próprio destino, continua sendo promessa - ainda há muitos que nela acreditam e mantém intactos seus discursos - “ainda é para-si, mas já não é em-si”. Dito de outro modo, o sujeito até pode se enganar na imagem que faz de si mesmo, mas na realidade de existência ele já não é mais o que a modernidade dele queria fazer.

A situação que se apresenta, portanto, é a seguinte. Estamos trilhando um caminho que é completamente insustentável para a sobrevivência. Aliás, não há outra explicação para a presença maciça dos discursos e promessas de práticas sustentáveis. Parece que sempre, no âmbito do discurso, queremos negar o óbvio que a realidade nos impõe. Mesmo diante de uma perspectiva real de autodestruição e catástrofe, porém, o sujeito contemporâneo não tem a força suficiente para uma crítica total que possa escancarar as contradições de nosso tempo. Os indivíduos, assim, parecem recusar a condição de sujeitos e assumir o cômodo papel que a realidade objetiva lhes impõe.

E neste momento estamos em condições de esboçar a hipótese para qual desenvolvemos este estudo e em função da qual trouxemos para o texto as reflexões anteriores. Isto é, *Fake News* e desinformações não são mais, apenas, enganos e mentiras que servem para ludibriar indivíduos ingênuos. Não são apenas, por assim dizer, algo negativo construído para enganar. Estas dinâmicas, mais do que isso, possuem uma função produtiva muito evidente em nossas sociedades. Indivíduos enfraquecidos por uma realidade objetiva na qual não se reconhecem, não têm mais qualquer possibilidade de viver suportando a contradição de uma esperança de sucesso e de vida feliz e uma lógica real que aponta para a autodestruição. A denegação, portanto, passa a ser a condição para a sobrevivência psíquica em uma sociedade adoecida. As *Fake News*, para dizê-lo de outra maneira, passam a ser uma narrativa de sobrevivência. Equiparar informações verdadeiras e informações falsas como sendo apenas narrativas diferentes com o mesmo direito de serem expressas, tem como efeito uma perda total de contato com a realidade objetiva. Não será mais esta realidade que irá validar ou invalidar um discurso. Na seção que segue gostaríamos de detalhar melhor esta hipótese.

A DIMENSÃO PRODUTIVA DAS FAKE NEWS

O conceito marxiano de ideologia pressupunha, de certa forma, que um sujeito não teria acesso pleno à realidade objetiva na qual estava inserido, exatamente pelo fato de um conjunto de ideias o induzirem ao erro. Ou seja, a ideologia configurava um encobrimento da realidade. A ideologia teria a função de esconder a realidade, de sugerir um aspecto falso ou parcial acerca da realidade objetiva. Isto é, seriam informações falsas espalhadas exatamente com a intenção de encobrirem a verdade que, de alguma forma, não poderia ser acessada ou teriam seu acesso dificultado. A hipótese que queremos testar aqui vai em uma direção um pouco diferente. Ou seja, não é que os indivíduos recebam de fora um conjunto de narrativas que lhes impeça de chegar na realidade. O que está em jogo parece, muito mais, nos dias de hoje, a dinâmica de que os sujeitos, fragilizados diante de uma realidade objetiva dissonante e negativa em relação às suas crenças, completamente opressiva e apontando para rumos autodestrutivos, estejam sem condições de suportá-la em sua estrutura fática. Portanto, para a própria sobrevivência psíquica, esses indivíduos passam a produzir mundos alternativos, realidades alternativas, verdades alternativas, para que possam sobreviver no interior dessa realidade catastrófica sem questioná-la. Ao mesmo tempo, seguem evitando o sofrimento psíquico que poderia derivar de uma consciência plena dessa contradição. Se, do lado dos indivíduos essa parece, portanto, ser uma estratégia de defesa de uma subjetividade fragilizada, a partir da ótica do sistema objetivo passa a ser algo amplamente produtivo, pois o que emerge desse fenômeno são subjetividades desconectadas da realidade e sem quase nenhuma intenção ou mesmo potência em modificá-la. A apatia da aceitação de uma realidade objetiva posta, sem maiores questionamentos, combina-se com uma subjetividade carente e narcísica que avidamente consome produtos que lhe prometam satisfação e conforto.

O pano de fundo revelado, portanto, pelo fenômeno recente da proliferação massiva de *fake news* e de desinformação, para além dos jogos políticos e de disputa que estão em questão, revela um cenário um pouco mais profundo que é preciso investigar. Há algum tempo, no campo da sociologia europeia, Max Weber atribuía à modernidade um processo progressivo de desencantamento do mundo. Começamos a acreditar, através desse diagnóstico ou a partir dele, em uma sociedade composta por indivíduos predominantemente racionais em suas escolhas e no cálculo de suas ações. No entanto, é altamente questionável se este diagnóstico de um profundo desencantamento do mundo e uma constante racionalização são de fato diagnósticos precisos para a realidade brasileira ou latino-americana. Isto se mostra, mais do que nunca, em um conjunto de fenômenos contemporâneos que denotam a intensa magicização da realidade. A ampla proliferação do fenômeno neopentecostal, uma forma de religiosidade que repara o mundo com espíritos e o transforma num palco da luta do bem contra o mal; os inúmeros coaches e gurus que estão em ampla ascensão no mundo das redes sociais e que prometem soluções milagrosas para a vida individual, financeira, para os múltiplos problemas pessoais; e, por fim, um discurso heroico e meritocrático que promete a todo e qualquer indivíduo que se esforçar um acesso a riqueza e ao status social. Todos esses fenômenos têm algo em comum. O que está sendo relativizado é fundamentalmente uma estrutura objetiva da realidade que é majoritariamente desconsiderada pelos sujeitos.

A estrutura econômica da sociedade, em sua objetividade, resiste às crenças individuais acerca de dinheiro e riqueza. A estrutura psíquica dos sujeitos resiste a um conjunto de soluções milagrosas

e instantâneas que são constantemente vendidas como mercadorias. Também o conjunto de problemas pessoais não pode ser simplesmente negligenciado a partir de uma crença em curas milagrosas ou algo do gênero. Ainda assim, vemos no mundo contemporâneo um declínio no que se refere ao valor de verdade destas estruturas objetivas. As crenças individuais - a forma como gostaríamos que o mundo fosse, as nossas projeções e os nossos construtos mentais - se sobrepõem a uma realidade objetiva que eu passo a desprezar. Tudo isso parece fazer parte de um processo de caráter profundamente narcísico, de criação de uma realidade sob demanda para cada um dos indivíduos. Desde o mundo virtual, onde frequentamos e habitamos pequenas bolhas que espelham exatamente aquilo que gostaríamos que o mundo fosse, até o momento de imersão em uma realidade, onde passamos a ter dificuldade em aceitar qualquer perspectiva distinta da nossa, seja em termos comportamentais ou em termos de crenças, o que se verifica é um amplo processo de declínio do valor da verdade das estruturas objetivas da realidade. Christopher Lasch, em sua instigante obra *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis* escreve:

A produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. É enganoso caracterizar a cultura do consumo como uma cultura dominada por coisas. O consumidor vive rodeado não apenas por coisas como por fantasias. Vive num mundo que não dispõe de existência objetiva ou independente e que parece existir somente para gratificar ou contrariar seus desejos. (Lasch, 1986, p. 22)

Portanto, analisar o fenômeno das *fake news* e da desinformação a partir da clássica perspectiva que as considera como narrativas falsas e resultados de manipulação para enganar, parece não mais dar conta de explicar o que acontece na contemporaneidade. E isto se dá porque os indivíduos realmente estão muito pouco comprometidos com o conhecimento das estruturas objetivas da realidade, que são o aporte clássico de um discurso acerca da verdade. A construção de identidades no mundo contemporâneo passa ao largo disso. Os indivíduos atribuem valor a uma projeção de mundo que desconsidera quase completamente qualquer forma de alteridade que possa resistir ao conjunto de suas projeções. Há um processo de empobrecimento da estrutura psíquica, no sentido de uma diminuição da complexidade do mundo onde se dá o processo de construção de identidade. Essa questão da redução do contato do eu com qualquer forma de alteridade, no âmbito do mundo digital, é bem caracterizado por Byung-Chul Han em seu texto *A crise da narração* (2023, p. 96):

O smartphone nos protege da realidade de forma maximamente eficaz, na medida em que remove completamente o *olhar* que o *outro* apresenta. O touchscreen faz com que a realidade como a *contraparte em forma de rosto* desapareça por completo. Privado de alteridade, o outro se torna consumível. (...) O rosto exige *distância*. Ele é um *Tu*, e não um *Isso*, disponível. Podemos, assim, tocar a imagem de uma pessoa com o dedo ou até mesmo apagá-la, porque ela já perdeu o seu olhar, seu rosto. Lacan diria que a imagem enclausurada no touchscreen *não tem olhar*, que ela serve apenas como um *deleite para os olhos* que satisfaz as minhas necessidades.

Nesse contexto é que podemos perceber o real alcance deste fenômeno das *fake news* e das desinformações. Não se trata, simplesmente, de um conjunto de mentiras que pretendem encobrir uma realidade objetiva verdadeira. Mas, ao invés disso, representam um constante processo de enrijecimento de uma subjetividade frágil e narcísica que precisa de um mundo sob demanda para sobreviver psiquicamente. Qualquer choque de uma realidade objetiva que se apresente como diversa, como alteridade, em relação à identidade psíquica fragilizada, passa a ser retirada de cena. A própria realidade se torna *obscena*. E os metaversos se multiplicam neste contexto. Já que a impotência diante do real nos conduz a uma indiferença em relação a ele, a ponto de não mais nos orientarmos por sua verdade, preferimos criar mundos paralelos onde estas questões difíceis ainda não estejam postas. A promessa tecnológica de habitarmos outros planetas parece corresponder à atitude cotidiana de viver em um mundo imaginário onde a narrativa, desconectada da realidade, se valida de forma autorreferencial - é verdade pois eu quero que assim seja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos, sem possibilidade de subterfúgios, imersos em uma realidade acelerada e completamente modificada em relação ao que era há pouco tempo. Neste contexto, é extrema a dificuldade de tomar uma distância, ainda que mínima, para compreender o que está acontecendo com maior precisão e objetividade. Vemos a esfera pública ocupada com debates onde os problemas e, até mesmo, os termos não existiam há uma década. Nossa estudo, portanto, levando em conta este cenário, carrega pouca pretensão de oferecer conclusões e teorias solidamente estabelecidas. O que ora apresentamos, ao invés disso, é de caráter ensaístico. Estamos apresentando uma hipótese-problema de fundo que - essa é a nossa expectativa - resulte pelo menos razoável para pensar as novas subjetividades e sua relação com a sociedade e com a verdade. O fenômeno das *fake news* ganha uma significação muito importante neste sentido. E para nós, ao longo deste estudo, resultou clara a necessidade de compreender o fenômeno mais como uma resposta a uma determinada dinâmica da realidade do que como uma tentativa de enganar. A desinformação, portanto, é produto de uma lógica social que ela tem como função ajudar a manter. Este é o caráter produtivo das *fake news*, como optamos em caracterizar. Esperamos, com isso, ter colocado a ideia com uma clareza minimamente necessária para que seja debatida no amplo espaço das ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. Erste Auflage.** (Gesammelte Schriften, Band 4). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980.
- BENJAMIN, Walter. Über den Begriff der Geschichte. In: BENJAMIN, W. **Gesammelte Schriften / Walter Benjamin. ERSTER BAND. Zweiter Teil.** (Hrsg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Ausg. in Schriftenreihe »Suhrkamp-Taschenbuch Wissenschaft. Frankfurt am Main : Suhrkamp, 1991.
- FREUD, S. (1987). **Neurose e Psicose.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 2.ed. Ed: Imago, Rio de Janeiro. Vol. XIX.

FREUD, S. (1923). Organização genital infantil. In: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. 16. Rio de Janeiro: Cia das Letras.

JAPPE, Anselm. **A sociedade autofágica: capitalismo, desmesura e autodestruição**. Trad: Julio Henriques. 1. ed. Lisboa: Editora Antígona, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. **Vergangene Zukunft: zur Semantik geschichtlicher Zeiten**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995.

LAND, Nick. **Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007**. Londres: Urbanomic. 2011.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. Trad: José Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad: Jesus Ranieri. [4. reimpr.]. - São Paulo: Boitempo, 2010.

MELMAN, C. **Homem sem Gravidade - Gozar a Qualquer Preço**. Rio de Janeiro: Cia de Freud. 2008.

OMS. **Depressão**. Disponível em <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. 2023. Acesso em 22 de junho de 2025.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. Tradução por Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SANTAELLA, Rodrigo; MARQUES, Victor. Por uma política orientada ao futuro: a provocação filosófica e estratégica do “aceleraçãoismo de esquerda”. **Revista Das Questões**, Vol. 12, n.1, junho de 2021, p. 371-412.